

O PÁSSARO DE TERNO DE LINHO BRANCO

Octávio R. Mendonça Neto

Dizem que foi na praia... Numa daquelas tardes chuvosas de verão, em que céu e mar confundem-se num cinza único, que ele surgiu, anunciando-se príncipe destronado de um reino infinitamente distante.

Apareceu-me pela primeira vez num dia quente do verão de 1954 e a partir daí sua rota diária levava-o invariavelmente à minha casa.

Nunca soube ao certo o que o atraía... Talvez a grama plástica que papai acabara de plantar, e que apesar de nossos esforços em contrário crescia assustadoramente por entre papoulas inexistentes... ou talvez meus sonhos coloridos que eu costumava expor pelo jardim como se fossem quadros em uma galeria de arte. O fato é que agradava-me sua visita diária, pois príncipes destronados andavam raros naqueles dias.

Santos — Verão de 1954

Em casa de meus pais.

Era uma tarde quente como nunca mais, e o brilho forte do sol fez com que sua sombra transparente inundasse o meu jardim, esparramando-se por todo o gramado... Minha primeira sensação de medo foi se dissolvendo como se dissolve na boca uma bala de alfenim, e aos poucos fui percebendo que há muito o aguardava.

Fiquei parado, olhando-o como se mais nada existisse no céu, enquanto ele, como um pássaro, sobrevoava os telhados vizinhos. Vestia um impecável terno de linho branco e um chapéu, que apesar de suas graciosas evoluções, mantinha-se firme em sua cabeça, escondendo os cabelos que talvez já não tivesse. Não possuía asas, como seria de se esperar, e nem dispunha de qualquer espécie de mecanismo para manter-se no ar, bastando-lhe para isso periódicos movimentos com os braços.

Primeiro voava alto... em círculos... mas depois de circundar a torre da igreja, mergulhou direto para o meu jardim, pousando majestosamente... assim como pousa um príncipe. Permaneceu alguns segundos olhando-me fixamente e quando percebeu que eu ia falar-lhe partiu em direção ao norte.

Diálogo imaginado depois que ele partiu.

Eu: — (perplexo, quase gaguejando) — De onde você vem?

Ele: — (pausadamente, com voz sofrida, como se toda tristeza do mundo lhe escorresse da boca por entre as palavras) — De muito longe... onde não há portas. Moro num quarto sozinho, com um relógio de bolso e um pêssego em calda.

Eu: — Sempre pensei que príncipes morassem em castelos.

Ele: — Isto foi há muito tempo... quando ainda havia portas.

Eu: — (tentando mudar de assunto, já que não entendia nada de portas) — E como você faz para voar?

Ele: — Basta mover os braços, como se fossem asas.

Eu: — Não acho que seja tão simples assim.

Ele: — Vocês sempre duvidam das coisas simples. Por que não tenta?

Eu: — Tenho certeza que não conseguiria... e além do mais eu não tenho um terno de linho branco.

Ele: — Não lhe fará falta.

Eu: — Talvez... mas não teria graça nenhuma sair voando voando por aí com uma roupa qualquer.

Ele: — Você é quem sabe... Bem, tenho que ir... um relógio me espera... Até amanhã.

Eu: — (ainda perplexo, mas com a voz mais firme) — até amanhã.

Não me recordo quando cheguei a vê-lo pela última vez, eu era muito pequeno naquela época. Tudo o que me resta dele são duas ou três fotos tiradas não sei bem por quem.